

Fora da história

3-1-88

ANC

JOSÉ CARLOS AZEVEDO

O próximo governo, que se instala em 1989, de acordo com a preferência da Comissão de Sistematização, ou em 1990, conforme decisão do presidente da República, ou em 1991, segundo prescreve a Constituição, receberá o País em situação sem precedentes pois a desorientação política, o descrédito popular e a economia enferma, com a inflação registrando índices superiores a 360% nos últimos 12 meses, prenunciam dificuldades generalizadas.

Mesmo que conseguisse debelar a inflação e reconquistar a confiança popular, há outros sinais de dificuldades para 1988. A retalição comercial dos EUA dificultará as exportações e é bom lembrar sempre que ela se originou na reserva de mercado, erigida em símbolo da soberania e orgulho nacionais, justamente no setor da informática, em que temos mais a receber que a oferecer. É razoável que o dólar continue a cair no Exterior, pois foi em parte a custa do capital estrangeiro que os EUA cresceram nos últimos anos e que agora, atingido o objetivo, se inverte o processo e depreciam o dólar para favorecer suas exportações. Com essa eventual estratégia, evaporar-se-ão os saídos comerciais de outros países e o Brasil será duramente atingido porque exporta para os EUA cerca de um terço do que vende no Exterior. M. Feldstein, professor de economia da Harvard, em recente artigo na Foreign Affairs (Correcting The Deficit) prevê que a recuperação norte-americana ocorrerá no início da década de 90.

Por tudo isso, o futuro presidente deverá ser escolhido com redobrada atenção, pensando nos mais altos interesses do Brasil, onde há 28 anos não há eleições para presidente. Mas a própria natureza imperial da Presidência da República no Brasil, para lembrar Ernst Hambloch no seu livro Sua Majestade o Presidente da República — cuja publicação lhe custou a expulsão do Brasil na ditadura Vargas — dificulta a vida política e a faz oscilar em ciclos de fechamentos e aberturas, ou sistoles e diástoles como preferia dizer o general Golbery.

Mas não se pode exigir do futuro presidente que entenda de tudo, nem levar ao extremo a questão da honradez, reeditando a campanha das "Mãos Limpas" dos anos 50, como se fosse esse o único atributo a exigir-se do chefe de Estado. De resto, há sempre o risco de aplicar-se a observação do Quixote sobre as mulheres: "El honor de las mujeres consiste en la opinión buena que de ellas se tenga". Assim, há um conjunto de atributos a serem exigidos de quem pretenda a Presidência da República.

Mas a dificuldade em enumerá-los se deve em parte a que os brasileiros parecem mais preocupados com os defeitos do que com as virtudes e há de ser por isso que votam mais contra que a favor e todos os últimos levantamentos de opinião pública mostraram que, dentre os candidatos apontados, todos tinham índices de aceitação bem menores que os de rejeição. Aliás, essa insatisfação não é recente e, em São Paulo, já elegeram vereador o rinoceronte Cacareco, em Pernambuco, o boje Chetroso e há semanas, no Espírito Santo, o mosquito que azucrinava os moradores de Vila Velha foi o mais votado para prefeito. Mas fica sempre a dúvida se vale a pena exigir alguma coisa porque, os candidatos, depois de empossados, fazem o que lhes apraz. Exemplo disso é o do atual governador que, na campanha, fez inclementes críticas às mordomias e há pouco foi acusado pela imprensa como beneficiário da mais pantagruélica e epicurética comilança de que já se ouviu falar.

Mas há um atributo que se pode exigir desde já, do futuro presidente: ele deve ser um emérito historiador, só assim

poderá ser cumprido o artigo 35 das disposições transitórias do projeto de Constituição: "Art. 35. O poder público formulará, em todos os níveis, o ensino da História do Brasil, com o objetivo de contemplar com igualdade a contribuição das diferentes etnias para a formação multicultural e pluriétnica do povo brasileiro". Pasmem o leitor, mas é o que está escrito.

Se "reformulará em todos os níveis", o futuro presidente deverá conhecer, a fundo, não só a História do Brasil mas a de outros países que tiveram ou têm influência sobre a nossa, pois só assim evitará que alguns queiram ludibriá-lo e transformar heróis em traidores, honrados em bandidos, vitórias em derrotas e vice-versa. Ocorre, entretanto, que, salvo engano, os dicionários não registram "multicultural" nem "pluriétnico".

É evidente que há pessoas, e até países, mais cultos que outros, e há até recessão cultural como a que vivemos; mas, excetuado, talvez, o domínio agrícola, não há o neologismo "multicultural". "Pluriétnico" tampouco existe e, aliás, a lição mais perturbadora da genética moderna — porque se identifica com revelações dos religiosos obtidas até no distante domínio da cosmologia moderna — talvez seja a de que a espécie humana é uma só, o que aprofunda assustadoramente a dúvida de Pascal: "Quando considero a curta extensão de minha vida, tragada pela eternidade, antes e depois, o pequeno espaço que preencho ou mesmo consigo ver, mergulho na infinita imensidão dos espaços que desconheço e que nunca me conhecerão, fico aterrorizado e atônito por encontrar-me aqui e não em outro lugar. Pois não há razão para que eu deva estar aqui e não acolá, e por que agora e não em outra ocasião? Quem me pôs aqui? Por qual ordem ou destino foram este lugar e este tempo destinados a mim? O silêncio eterno desses espaços infinitos enche-me de terror." As classificações das raças seriam assim meras conveniências pois há milhares de identidades entre elas e as diferenças, além de irrelevantes, talvez sejam atribuídas a fatores culturais e geográficos.

Mas, de qualquer forma, se a História do Brasil é omissa, errada ou até facciosa, não cabe ao Estado corrigi-la, mas aos especialistas, em seus livros e investigações, divulgadas em revistas especializadas e pela imprensa. Sempre existiram exemplares de verdades científicas proclamadas pelo Estado, mas elas nunca se sustentaram. Com a ajuda do Prêmio Nobel P. Lennard, arauto da ciência ariana, Hitler tentou banir da Alemanha a Teoria da Relatividade de Einstein e mandou queimar livros de autores judeus. Stalin não fez por menos e oficializou a genética de Lyzenko e o fez presidente das mais importantes academias de ciências da Rússia, mas nem nos laboratórios nem na agricultura valeu o que fizeram.

Cabe agora ao Poder Público do Brasil a triste missão de reescrever sua história, e de forma comprovadamente facciosa porque irá "contemplar com igualdade" contribuições que são comprovadamente desiguais. Mesmo que o artigo tivesse falado em "contemplar com isenção" ou "equanimidade" ficaria menos pior.

Errou, certamente, quem disse que o Brasil está na contramão da história, pois ele, de fato, está saindo da história. Há tempos, dizem, enfiada em certo país da América Latina, uma ratna da Inglaterra apanhou um globo terrestre e riscou esse país do mapa. A cena caricatural se repete agora e são os maus brasileiros que se esforçam para atingir tal objetivo, pelo menos por tirar o Brasil do rol das nações civilizadas.